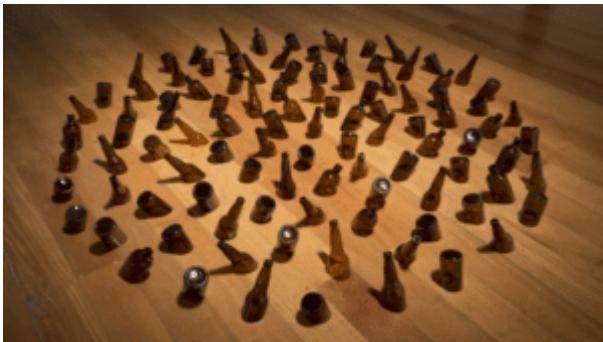


## Por que é precária a trégua entre Israel e o Irã?



Por MAGDA FURTADO\*

A trégua entre Israel e Irã é marcada por tensões históricas e geopolíticas, com implicações profundas para a estabilidade regional e consequências humanitárias devastadoras

### 1.

A trégua anunciada na guerra entre Israel e o Irã é evidentemente bastante precária. Dominar grande parte do Oriente Médio parece ser o objetivo de Israel, um instrumento do imperialismo estadunidense. Depois de atacar o Líbano e o Yêmen, bombardear e ampliar a ocupação nas Colinas de Golã da Síria, seguir destruindo e massacrando a população de Gaza em busca da “limpeza étnica” (obliterado na mídia agora), e expropriar ainda mais terras na Cisjordânia, Israel culmina seu plano ao iniciar uma guerra “preventiva” contra o Irã.

Apesar das negociações que estavam em curso para que fosse retomado o acordo nuclear entre o Irã e os EUA, que Donald Trump rompeu em seu primeiro mandato, Israel desferiu um brutal ataque ao único país visto como um obstáculo ao seu plano expansionista. A alegação não comprovada de que o Irã poderia estar próximo de produzir uma bomba atômica, que Israel já tem, é somente um pretexto para atacar a soberania desse país, juntamente com os EUA, reduzindo sua capacidade de opor resistência ao projeto imperialista de hegemonia na região.

Com toda a crítica que temos ao regime iraniano, em especial a repressão às mulheres, cada povo tem direito à sua autodeterminação, e nada justifica um ataque “preventivo” à soberania de outro país, com massacre de civis e tensionamento de toda a região. É verdade que o Irã é uma república teocrática opressora das mulheres, mas Israel também é uma república teocrática opressora dos 20% da minoria árabe em seu território, além estar em pleno curso de genocídio em Gaza.

As guerras provocadas por Israel na região vêm desde a sua fundação, em 1948, mas a atual ofensiva do estado sionista teve início em outubro de 2023, quando lançou uma desproporcional jornada de destruição e massacre em Gaza, em resposta a um ataque do Hamas, e intensificou a expropriação pela força de terras na Cisjordânia, com o objetivo declarado de limpeza étnica.

Na sequência, Israel desferiu ataques ao Líbano, que, sob o pretexto de atingir o Hezbollah – grupo armado que defende o território do Líbano de invasões de Israel, além de atuar em solidariedade a Gaza – causou muita destruição e milhares de mortes civis. Em seguida, Israel bombardeou intensivamente os depósitos de armamentos da Síria logo após a derrubada da ditadura de Assad, além de ampliar sua ocupação nas Colinas de Golã. O Yêmen também foi bombardeado, para atingir o grupo guerrilheiro Houthis, que, em solidariedade a Gaza, estava atacando navios em direção a/voltando de Israel.

Os demais países da região ou já têm bases dos EUA em seu território, como o Qatar (a maior base), Arábia Saudita,

# a terra é redonda

Emirados Árabes, Egito, Jordânia, Kwait, Bahrein e Iraque, ou dependem de ajuda financeira e militar, como Egito e Jordânia, ou têm fortes interesses comerciais com EUA e Israel - ou acumulam essas condições. Por isso fazem oposição apenas retórica ao genocídio em curso em Gaza e não se moveriam pelo Irã, apesar de também terem se manifestado retoricamente contra a agressão de Israel.

No contexto da bipolarização imperialista, conquistar o controle da maior parte do Oriente Médio, seja por ocupação ou instalação de bases militares, dependência econômica ou emprego da força está no centro da estratégia do imperialismo estadunidense - e Israel é um instrumento desse projeto.

## 2.

A estratégia do estado sionista culminou ao iniciar em 13 de junho a guerra contra ao Irã, assassinando membros do alto comando e cientistas do programa nuclear, deixando mais de 400 mortos civis somente nos primeiros dias de ataque aéreo. O agravante foi o bombardeio dos EUA às instalações nucleares do Irã, inclusive às instalações subterrâneas de Fordow, trazendo grande risco de contaminação nuclear para toda a região.

Os EUA anunciaram destruição total da capacidade nuclear do Irã, e em seguida Donald Trump seguiu pressionando por um cessar-fogo entre as partes (já que essa guerra produz efeitos danosos em sua popularidade doméstica). Entretanto, não há um relatório conclusivo de danos relevantes às instalações nucleares, e nem mesmo a garantia de que os notificados 406 quilos de urânio enriquecido a 60%, segundo a Agência Internacional de Energia Atômica (para alcançar a fabricação da bomba atômica, seria necessário o enriquecimento de urânio a 90%), tenham sido danificados, ou mesmo se ainda estão no local.

O Irã até agora fazia parte do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares e permitia visita de inspetores da ONU, insistindo que seu programa nuclear tem fins apenas pacíficos (energia e saúde). Israel não assinou o tratado, nunca permitiu fiscalização e é notório que já desenvolveu bomba atômica, o que nunca foi admitido nem negado. Está claro que a AIEA trata os países desigualmente e seus relatórios fazem suposições, utilizadas por Israel para justificar a guerra iniciada. De nada adianta a agência alertar posteriormente aos ataques para o alto risco de contaminação ao se bombardear usinas nucleares a qualquer pretexto.

Um efeito lamentável desse ataque foi o esquecimento na mídia dos protestos contra o genocídio em curso em Gaza, obliterando as críticas dos aliados europeus, que se solidarizaram com o estado sionista na guerra iniciada contra o Irã, sob a cínica alegação de que Israel tem o direito de se defender.

Ocorre que “ataque preventivo” não está previsto em nenhuma resolução da ONU, e a ameaça de vazamento de radiação provocada pelo bombardeio de usinas nucleares configura crime de guerra previsto na convenção de Genebra, podendo contaminar a população, largos territórios e seus lençóis freáticos. A possível destruição das usinas nucleares iranianas foi celebrada sem que fosse alertado para o desastre que representa o provável espalhamento de material radioativo diante da crise ambiental que se aprofunda, com reflexos imediatos para a população do Oriente Médio.

Mas quem se importa com a possibilidade de milhões de vidas afetadas por gerações pela radiação naquela região? Além disso, quem se move pelas mais de 60 mil vidas perdidas dos palestinos e com os sobreviventes que seguem morrendo de bomba, fome, sede ou doenças provocadas pelo cerco? O estado sionista parece ter licença ilimitada para bombardear, matar civis, ocupar e expandir território, tamanho é o sentimento de culpa da Europa ocidental diante das memórias atrozes do Holocausto.

## 3.

# a terra é redonda

Donald Trump, apesar da ruidosa contrariedade dos partidários da MAGA (*Make América Great Again*, que se opõem a que os EUA entrem em guerras para defender outros países), da forte opinião pública estadunidense majoritariamente contrária a guerras, como atestam as pesquisas, e de suas próprias promessas pacifistas de campanha, não resistiu à pressão de Israel e do poderoso lobby sionista encastelado no governo e na mídia.

Israel é uma peça importante do imperialismo estadunidense e nenhum governo dos EUA, seja republicano ou democrata, ousou contrariar seus desígnios. Além disso, a poderosa indústria armamentista estadunidense torce sempre por uma guerra na sequência de outra, que proporciona ganhos abundantes. Ainda assim, inicialmente os EUA anunciaram que não tinham nenhuma relação com o ataque israelense e seguiam defendendo um acordo negociado.

Brandindo um discurso eivado de contradições, Donald Trump segue sem admitir que os EUA entraram na guerra contra o Irã, mas apenas destruíram seu programa nuclear, já que são os únicos com bombas com potência suficiente para fazer isso. Ademais, há diversos relatos de que o eficiente armamento defensivo de Israel não duraria muito tempo mais, ainda que o Irã também já estivesse dando sinais de exaustão de suas capacidades.

Na esperança de retomar seu discurso cinicamente pacifista, Donald Trump anunciou um precário acordo de cessar-fogo logo após uma retaliação do Irã em ataque anunciado à maior base dos EUA no Oriente Médio, a base no Qatar. "Esta é uma guerra de apenas doze dias", alardeou Donald Trump. O cessar-fogo precário teve início já sendo desrespeitado por ambos os lados.

No momento a guerra está pausada, com ambos os lados cantando vitória. Mas pode ser reiniciada a qualquer momento, especialmente considerando a declaração do país agressor de que "o trabalho no Irã ainda não foi encerrado", mas que agora se concentrariam em "terminar a missão em Gaza". Ou seja, intensificar o genocídio.

Além do discurso de vitória ostentado tanto por Israel, EUA e Irã, seguem ameaças verbais de parte a parte de novos futuros ataques. Diante da ameaça do Irã de fechar o estreito de Omuz, o que só faria se ficasse sem opções, já que a maior parte do petróleo exportado pelo Oriente Médio escoa pelo Golfo Pérsico, essa guerra se reiniciada pode aprofundar a crise estrutural do capitalismo, com efeitos relevantes para o mundo inteiro, e não apenas para a região, pela instabilidade agravada com alta de preço dessa e outras commodities. Para o Irã e Israel já são enormes os prejuízos com a economia praticamente paralisada e infraestrutura abalada, além das vidas perdidas e êxodo de parte da população, no caso de Israel.

Para o governo de Donald Trump, seguir apoiando o belicismo agressivo de Israel pode ter um custo muito alto na opinião pública e colocar em risco as eleições de meio mandato, que podem mudar a correlação de forças no Congresso. Os EUA têm 40 mil militares somente nas bases localizadas na região, todas podendo ser alvos de bombardeios iranianos; uma eventual perda de vidas estadunidenses nessa guerra liquidaria a popularidade de Donald Trump, já bastante abalada.

Então ele precisa desesperadamente de um acordo de paz urgente e duradouro, e não é porque a entrada dos EUA na guerra não foi aprovada no Congresso, como deveria ser - e seria, inclusive com mais votos democratas do que republicanos. Donald Trump estava ansioso para anunciar que acabou ao menos com uma guerra para recuperar a popularidade, bastante abalada pela carestia já deflagrada pelas tarifas de importação e pelos protestos que se alastraram pelo país, a partir de Los Angeles, contra a criminalização e deportação dos imigrantes, que compõem parte importante da força de trabalho em serviços do país.

## 4.

Ocorre que Donald Trump agora está nas mãos sujas de sangue de Benjamin Netanyahu, que não costuma respeitar acordos de cessar-fogo (haja vista Gaza e o Líbano). Nesse caso, sequer houve um acordo com termos negociados, mas

# a terra é redonda

apenas uma trégua. Para Israel somente interessa o aniquilamento não só do programa nuclear iraniano, como também da produção e lançamento de mísseis balísticos e hipersônicos.

O Irã tem sido o único país a confrontar o projeto expansionista de Israel - “do rio Nilo ao Eufrates”, proclamam seus extremistas atualmente compondo o governo, citando a *Bíblia (Gênesis, 15)*, o que reafirma sua essência teocrática. Isso significaria tomar terras de sete nações - parte do Egito, o que sobra da Palestina, parte da Arábia Saudita, Jordânia, Líbano, a maior parte de Síria e do Iraque.

Para se contrapor ao projeto sionista, enunciado abertamente após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, o Irã tem armado grupos de resistência, como o Hezbollah no Líbano e o Hamas em Gaza, por meio do Qatar, e por isso Israel prega sua destruição e deposição do regime dos Aiatolás. Sob a alegação de que seria uma questão de semanas para o Irã atingir os 90% de enriquecimento requerido para a bomba atômica, Israel lançou via EUA a exigência enriquecimento zero de urânio por parte do Irã e destruição de todo o material enriquecido até agora.

Isso gerou um impasse nas conversações para o acordo, pois todos os países que assinaram o TNP têm direito de algum enriquecimento para fins exclusivamente pacíficos. Negar isso ao Irã e a qualquer país é um ataque à sua soberania.

Com o enfraquecimento do Hezbollah, do Hamas e dos Houthis, o Irã ficou sem aliados militares, então Israel vislumbrou o momento ideal para iniciar a guerra “preventiva”, causando muito mais destruição de armamentos e instalações cruciais, além de muito mais mortes de civis no Irã, aparentemente com seu sistema antimísseis debilitado desde os ataques de 2024.

Mas a guerra também evidenciou aos israelenses que não estão a salvo sob seu “domo de ferro” do sistema de defesa, que tem falhas e não resiste a uma guerra aérea prolongada, pois o sistema antiaéreo não é ilimitado em disponibilidade de mísseis. Sem a participação dos EUA eles não teriam capacidade de atingir seus objetivos alegados e, segundo informações da imprensa estadunidense, o “domo de ferro” não aguentaria mais duas semanas de guerra.

A situação difícil do Irã foi potencializada pela infiltração do serviço secreto israelense, o Mossad, em território iraniano, o que possibilitou a efetivação da tática da “decaptação” - a eliminação de comandantes das forças militares - gerando uma grande desorganização capacidade de defesa iraniana. O governo iraniano informou o total de 610 mortes e 4746 feridos, enquanto do lado de Israel foram notificadas apenas 28 mortes e 1400 feridos, além de grande destruição de residências, indústrias e estruturas civis nos dois lados.

Mas, contrariando aqueles que esperavam um enfraquecimento do regime iraniano, este parece ter se fortalecido com a guerra, pelo efeito de união nacional que o ataque de um inimigo externo pode trazer, além da intensificação do ódio a Israel. Nessas horas a oposição se recolhe, pois nenhum grupo político ousaria tentar enfraquecer um governo que enfrenta uma brutal guerra direta. Israel e os EUA chegaram a mencionar uma mudança do regime do Irã como uma ameaça.

Mas sabem perfeitamente que esse objetivo somente - talvez - poderia ser alcançado com uma longa guerra terrestre, com consequências terríveis semelhantes ao que aconteceu no massacre cometido durante a invasão do Iraque, que levou à ascensão do ISIS, ou como a derrota dos EUA no Afeganistão, com custo altíssimo em vidas e trauma nacional nos dois casos.

O fantasma dessas duas guerras paira sobre o governo de Donald Trump, que tanto as evocou durante a campanha eleitoral como exemplos do que não faria no governo. Por isso o objetivo de derrubar o regime dos Aiatolás no Irã não estava realmente posto, mas unicamente, para Israel, o enfraquecimento do poder bélico do Irã, para que não seja um obstáculo a seu projeto expansionista.

## 5.

Contrariando as afirmações de Donald Trump de que o programa nuclear teria sido eliminado, uma análise científica publicada nos EUA e produzida pela CIA põe em dúvida a extensão dos danos nas usinas bombardeadas. As centrífugas estariam a uma profundidade maior e podem não ter sido tão danificadas, e o urânio enriquecido pode ter sido deslocado previamente. A falta de radiação detectada no ambiente pelos medidores instalados na Arábia Saudita é um desses sinais.

Alguns cientistas avaliaram que o programa nuclear iraniano teria sido adiado pelos bombardeios dos EUA por apenas alguns meses, não anos, muito menos gerações. É certo que esse relatório está sendo considerado por Israel e certamente será utilizado para a retomada da guerra quando se sentir novamente fortalecido para isso. O projeto de Israel é de controle do Oriente Médio e isso já foi declarado por Benjamin Netanyahu em discurso na ONU, inclusive brandindo um mapa da região totalmente remodelada aos seus desígnios. Disso o sionismo não faz segredo. E certamente estará a serviço do imperialismo estadunidense.

Enquanto isso, segue o genocídio em Gaza, obscurecido na mídia pela nova guerra. Mesmo com a matança de mais pessoas em Gaza diariamente do que os mortos na guerra contra o Irã, quase não se fala mais nesse massacre cotidiano já naturalizado pela mídia. Na mídia ocidental Israel aparece como vítima do de uma “entidade do mal”, o regime dos Aiatolás do Irã, mesmo sendo Israel a iniciar a guerra.

Os palestinos de Gaza continuam morrendo por bombas, fome, sede e doenças enquanto lutam para obter um naco de alimentos distribuídos como uma armadilha mortal, já que as forças israelenses atiram a esmo em quem vem buscar comida nos poucos postos de abastecimento. Acordos anteriores de cessar-fogo e incontáveis negociações foram rompidos porque Israel não esconde o objetivo de tomar toda a terra palestina, pouco se importando com a vida dos reféns feitos pelo Hamas.

São tantos crimes de guerra naturalizados nas ruínas de Gaza e tantas imagens de atrocidades cometidas em sequência, que a opinião pública já segue anestesiada, como se houvesse um limite de saturação. É justamente com isso que conta Israel para seguir até o fim, enquanto busca um lugar no mundo para deslocar forçadamente os que resistirem vivos.

Os cerca de dois milhões de habitantes sobreviventes em Gaza estão confinados em apenas 1/3 do território, enquanto segue a devastação. Israel tem liberdade para ir se apossando de Gaza e Cisjordânia enquanto o mundo olhava para o “domo de ferro” abatendo nos céus de Tel-Aviv e Haifa a maior parte dos mísseis da retaliação iraniana. Os ativistas e as organizações de direitos humanos já não sabem mais o que fazer para despertar o mundo para esse horror em curso.

Quem poderá deter Israel e os EUA de consolidarem sua hegemonia no Oriente Médio, enfraquecendo ou aniquilando todas as nações que poderiam lhe fazer contraponto na região? Ao que parece, os BRICS não se apresentam para a tarefa, mesmo tendo o Irã como parte integrante. Trata-se de um “bloco” com objetivos notadamente comerciais, sem nenhum compromisso mútuo de autodefesa (em que pese que haja compromissos bilaterais entre alguns deles) e com muitas contradições entre seus membros efetivos e convidados.

É o caso da Índia, que compõe com os EUA, Austrália e Japão o QUAD, um fórum da região do Indo-Pacífico concorrente dos BRICS. A Rússia é o segundo país em número de cidadãos residentes em Israel, atrás apenas dos EUA. A China é o segundo parceiro comercial de Israel, atrás apenas também dos EUA. O Brasil igualmente segue mantendo relações comerciais e diplomáticas com Israel, mesmo Lula tendo sido declarado “persona non grata” pelo estado sionista por denunciar o genocídio em curso. Passou da hora do rompimento de relações diplomáticas com Israel!

Porém, os interesses estratégicos de China e Rússia no Oriente Médio, considerando as tensões crescentes da bipolarização imperialista, estão ameaçados se o imperialismo estadunidense, tendo Israel como instrumento, passa a

# a terra é redonda

hegemonizar a maior parte da região sem qualquer contraponto, isolando e mantendo o Irã sob ameaça e pesadas sanções.

Se os BRICS pretendem se colocar, em algum momento, como uma alternativa geopolítica ao blocamento imperialista da OTAN, como apontavam os discursos de sua fundação, este seria o momento de atuar para conter o avanço de Israel. Mas não parece ser essa a opção dos BRICS, como se pode depreender de suas condenações retóricas e nenhuma ajuda concreta ao Irã nesse conflito - ao que se sabe. Certamente essa será uma pauta na reunião em julho dos BRICS no Rio de Janeiro, um pouco esvaziada pelas ausências anunciadas de Putin e Xi Jinping.

Entretanto, reagir ao expansionismo bélico e sangrento de Israel não é apenas uma questão de desequilíbrio geopolítico de forças, e sim uma obrigação humanitária do mundo inteiro. É necessário que, enquanto ainda haja humanidade, que se reaja de modo contundente ao genocídio cometido por Israel em Gaza e às agressões de Israel no Oriente Médio, assim como deve parar a guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada com a invasão russa.

Enquanto o mundo volta a monopolizar sua atenção para a guerra na Ucrânia, o genocídio em Gaza segue sem a mesma atenção e indignação internacional. Se depender dos poderosos donos e gerentes do capital, prevalecem sempre os interesses econômicos sobre os humanitários. É necessário mobilizar solidariedade de classe internacional para fazer parar agressões, o genocídio e expropriação dos palestinos em Gaza e na Cisjordânia.[\[i\]](#)

\***Magda Furtado** é dirigente sindical e doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ.

## Nota

---

[\[i\]](#) Com sugestões de Jorge Almeida, Fernando Carneiro e Marciel Vianna, camaradas do GT de Relações Internacionais da APS, porém a responsabilidade do conteúdo é da autora.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**